



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA ACADÊMICA
PROFESSOR ORIENTADOR: AMALIA PÉREZ-NEBRA**

NAYA RIBEIRO DE LIMA

RA: 2006200/8

O JORNAL NA SALA DE AULA

Brasília/DF, Junho de 2006

NAYA RIBEIRO DE LIMA

**TCC apresentada como requisito para
conclusão do curso de Comunicação Social
– habilitação em Jornalismo do UniCEUB -
Centro Universitário de Brasília**

**Professora Orientadora Amalia Raquel
Pérez-Nebra**

Brasília/DF, Junho de 2006



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
SUPERVISÃO DE MONOGRAFIA ACADÊMICA**

Projeto defendido e aprovado,
em de junho de 2006, pela
banca examinadora
constituída pelos professores:

Prof. Mestre Amalia Pérez-Nebra

Prof. Mestre Marco Antonio Ramos Vieira

Prof. Mestre Luiz Cláudio Ferreira

“Ler um jornal pela primeira vez é como entrar no cinema e encontrar o filme já com uma hora de exibição. Os jornais são como novelas. Para entendê-los é preciso conhecê-los; o melhor conhecimento é o fornecido pelo próprio jornal”.

V.S. Naipaul

Agradecimentos

A minha mãe, que sempre foi uma pessoa guerreira e vitoriosa, que tornou possível a realização desta etapa.

A minha filha, Giovanna.

A Flávio di Pilla, pela atenção e carinho.

A minha família e amigos.

A professora Amália pelo apoio e dedicação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 EDUCAÇÃO INFANTIL.....	10
2.1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	11
3 DIFICULDADES DO ENSINO FUNDAMENTAL	14
4 O JORNAL	16
5 JORNAL NA SALA DE AULA	18
5.1 HISTÓRICO DO JORNAL NA SALA DE AULA	18
5.2 CASOS NO BRASIL	19
6 MÉTODO	21
6.1 AMOSTRA	21
6.2 MATERIAL E MÉTODO	21
6.3 PROCEDIMENTO	21
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
8 CONCLUSÃO	26
9 REFERÊNCIA	28

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa sobre a utilização do jornal impresso em sala de aula junto a alunos da quarta série do Ensino Fundamental. O objetivo foi observar e relatar como o jornal é lido pelos alunos e suas reações em uma turma.

Palavras Chaves: Comunicação, Educação, Jornal, Psicologia Infantil.

***A minha mãe,
que sempre me apoiou e
me aconselhou a lutar
pelas minhas conquistas.***

1 INTRODUÇÃO

A educação é um dos setores mais importantes para o desenvolvimento de uma nação. É através da produção de conhecimentos que um país cresce, aumentando sua renda e a qualidade de vida das pessoas (KUNSCH, 1986). A educação atua sobre a vida e o crescimento da sociedade em dois sentidos: no desenvolvimento de suas forças produtivas e no desenvolvimento de seus valores culturais. É um dos principais meios de realização de mudança social ou, pelo menos, um dos recursos de adaptação das pessoas a um mundo em mudança (CITELLI, 2000).

O uso da comunicação na Educação, aqui representado pelo jornal, surge como alternativa capaz de oferecer aos estudantes as chaves para compreensão e o domínio do mundo que os cercam. O projeto nacional da Associação Nacional de Jornais “Jornal na Educação” tem como objetivo colocar o jornal como recurso facilitador do acesso do aluno à informação por meio da linguagem jornalística, mais atual que o livro e a revista, estimulando o desenvolvimento do senso crítico e posse da informação (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS).

O jornal é um dos veículos de comunicação mais antigo. É bem aceito e com grande credibilidade entre leitores no mundo inteiro. É uma publicação diária que registra os fatos mais diversos. O jornal acompanha a trajetória cultural da humanidade (CAPELATO, 1988). Os meios de comunicação fazem parte da vida, diminuem distâncias e entram nos lares, na escola a todo o momento. O objetivo deste trabalho é compreender a importância do jornal na escola. Verificar como o jornal é lido em uma turma da quarta série do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública. A sala de aula será observada e também o contato do jornal com os estudantes da turma.

Para realização deste trabalho foi feita pesquisa sobre a educação infantil, o sistema educacional no Brasil e psicologia infantil. Também a estrutura do jornal e sua participação na sala de aula fazem parte deste trabalho.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL

Para entender o que acontece em sala de aula, é preciso primeiro saber o que acontece na educação do Brasil. A educação básica compreende: a educação infantil e a educação fundamental. Tem duração de nove anos. A **educação infantil** é a primeira etapa da educação básica. Visa o desenvolvimento social, físico e intelectual. A educação infantil é atendida em creche e pré-escola. A **educação fundamental** é subdividida em dois níveis. Dos 6 aos 10 anos – chamada de Classe de Alfabetização - que compreende a 1ª série até a 4ª série. Dos 11 aos 14 anos da 5ª a 8ª série, que não tem denominação própria. (Ministério da Educação, 2006)

Ao final desse ensino fundamental o estudante deve ter o domínio da leitura, da escrita, a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. O ensino fundamental é presencial, sendo o ensino à distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais. (INEP, 2002)

O importante para a pesquisa será a primeira fase do ensino fundamental, a Classe de Alfabetização. Na quarta série desta fase, os estudantes são capazes de trabalhar com leitura e compreensão localizada de pequenos textos, que contem frases curtas em ordem direta, bem como vocabulário e temáticas próximas de sua realidade. Os alunos utilizam, ainda, estratégias locais de leitura, que dizer, identificam informações centrais em posição destacada, bem como a finalidade ou tema de um texto. Usam, também, seu conhecimento de mundo na percepção do sentido de um texto. (INEP, 2002)

O estudante se encontra, em média no estágio **operatório-concreto**, apresentam as habilidades descritas, segundo Piaget (1978). Assim, ele

precisa ter os objetos, através de suas imagens, sempre presente na mente para pensar sobre eles. Esse é o período em que é absolutamente necessária uma constante busca de experiências vividas pelos alunos em cada conteúdo analisado. O próprio conteúdo adquire significado para as crianças à medida que se liga com as suas concepções prévias ou espontâneas. O conteúdo precisa estar intimamente ligado à experiência do aluno. (SALVADOR, 1999).

O indivíduo adquire novos conhecimentos e estratégias de sobrevivência todos os dias, desde o seu nascimento até sua morte. A compreensão destes estágios é fundamental neste trabalho porque refletirá na sala de aula.

2.1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Para observar a criança na sala de aula é necessário entender por quais estágios de desenvolvimento ela passa nesta fase. Assim, será possível entender alguns comportamentos e tirar conclusões.

O trabalho de Piaget (1978) ensina que ao observar cuidadosamente a maneira com que o conhecimento se desenvolve nas crianças, podemos entender melhor a natureza do conhecimento humano. Suas pesquisas sobre a psicologia do desenvolvimento e a epistemologia genética tinham o objetivo de entender como o conhecimento evolui. Piaget formulou sua teoria de que o conhecimento evolui progressivamente por meio de estruturas de raciocínio que substituem umas às outras através de estágios. Isto significa que a lógica e formas de pensar de uma criança são completamente diferentes da lógica dos adultos.

Em seu trabalho, Piaget (1978) identifica quatro estágios de evolução mental de uma criança. Cada estágio é um período onde o pensamento e comportamento infantil é caracterizado por uma forma específica de conhecimento e raciocínio. Esses quatro estágios são: **sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.**

No estágio **sensório-motor** (zero a dois anos), a criança busca adquirir controle motor e aprender sobre os objetos físicos que a rodeiam. Esse estágio

se chama sensório-motor pois o bebê adquire o conhecimento por meio de suas próprias ações que são controladas por informações sensoriais imediatas.

No estágio **pré-operatório**, que dura do 18º mês aos 7 anos de vida, a criança busca adquirir a habilidade verbal. Nesse estágio, ela já consegue nomear objetos e raciocinar intuitivamente, mas ainda não consegue coordenar operações fundamentais. Por exemplo, ao mostrar para a criança, duas bolinhas de massa iguais e dar a uma delas a forma de salsicha. A criança nega que a quantidade de massa continue igual, pois as formas são diferentes. Ela não consegue relacionar as situações.

No estágio **operatório concreto**, que dura dos 8 aos 12 anos de vida. Neste estágio a criança desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem, casualidade, sendo então capaz de relacionar diferentes aspectos e abstrair dados da realidade. Apesar de não se limitar mais a uma representação imediata, depende do mundo concreto para abstrair. Esse estágio é caracterizado por uma lógica interna consistente e pela habilidade de solucionar problemas concretos, isto é, a capacidade de entender algo que é palpável. Um importante conceito desta fase é o desenvolvimento da reversibilidade, ou seja, a capacidade da representação de uma ação no sentido inverso de uma anterior, anulando a transformação observada. Por exemplo, despeja-se a água de dois copos em outros, de formatos diferentes, para que a criança diga se as quantidades continuam iguais. A resposta é afirmativa uma vez que a criança já diferencia aspectos e é capaz de "refazer" a ação.

No estágio **operatório formal** – desenvolvido entre os 12 e 15 anos de idade – a criança começa a raciocinar lógica e sistematicamente. Esse estágio é definido pela habilidade de engajar-se no raciocínio abstrato. As deduções lógicas podem ser feitas sem o apoio de objetos concretos. A criança não se limita mais à representação imediata nem somente às relações previamente existentes, mas é capaz de pensar em todas as relações possíveis logicamente buscando soluções a partir de hipóteses e não apenas pela observação da realidade. Em outras palavras, as estruturas cognitivas da criança alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento e tornam-se aptas a aplicar o

raciocínio lógico a toda classes de problemas. Se lhe pedem para analisar um provérbio como "de grão em grão, a galinha enche o papo", a criança é capaz de trabalhar com a lógica da idéia (metáfora) e não com a imagem de uma galinha comendo grãos.

O estágio que interessa para o desenvolvimento deste trabalho é o operatório concreto. As crianças já podem compreender regras, sendo fiéis a ela, e estabelecer compromissos. A conversação torna-se possível. Ao entrar em sala de aula e observar os alunos em ação, o trabalho deverá ser compreendido e as tarefas serão feitas sem dificuldades.

O Brasil é um país de enormes desigualdades sociais e econômicas. A escola pública sofre os efeitos destas disparidades. A seguir, dados indicam que o ensino no Brasil não vai bem. Se a escola pública brasileira não dá conta nem do mínimo essencial, que é ensinar as crianças de 7 a 14 anos, a ler e escrever é obvio que o uso do jornal na sala de aula está muito distante de se tornar uma chave para compreensão e entendimento do mundo que os cerca. Nesta escola precária, a imprensa ainda tem um papel revolucionário a cumprir. O jornal pode servir como instrumento para aumentar o nível de competência do professor e da escola em lidar com as camadas populares. Estabelecer uma relação tal com os alunos em que eles possam dominar os conteúdos do saber sistematizado para utilizá-los, de acordo com seus interesses de classe, na transformação da sociedade (FARIA, 1998). Este é o conteúdo abordado no próximo capítulo.

3 DIFICULDADES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo dados do Ministério da Educação, de 2002, 97% dos meninos e meninas de 7 a 14 anos estão na escola. Em 1991, eram 86%. Entretanto, apenas 10,29% dos estudantes que terminam o ensino fundamental demonstram habilidades de leitura satisfatórias. Quase todos os alunos (97,21%) tiveram desempenho abaixo do apropriado para a conclusão do ensino fundamental. Além disso, não se pode ignorar que quase um milhão de crianças ainda estão fora da escola e que 1,3 milhão de adolescentes entre 12 e 17 anos são analfabetos (MEC, 2002).

O Ministério da Educação relata que a repetência, que interrompe o fluxo escolar natural do aluno, tem sido apontada em estudos e avaliações como um dos principais empecilhos ao desenvolvimento educacional e causadora da queda na auto-estima dos estudantes. Os dados de 2000, obtidos por meio de uma pesquisa do MEC e Inep, revelam que cerca de um quinto dos alunos (21,7%) do ensino fundamental estavam matriculados na mesma série cursada no ano anterior. Mas, essa situação já foi pior. A análise histórica desse indicador mostra que em 1995, de cada cem matriculados no ensino fundamental, 30 eram repetentes. A redução desse índice foi mais acentuada entre 1995 e 1998 e tem se mantido estável a partir desse período. A queda na taxa de repetência pode ser explicada, em parte, pela adoção de políticas específicas para combater esse problema, como o sistema de ciclos implantados em alguns Estados. No Brasil, o sistema de ciclos abrange 22% da matrícula total do ensino fundamental. Na 1ª e 5ª séries do ensino fundamental, a taxa de repetência é de 36,2% e 24,8%, respectivamente, caindo nas séries seguintes (MEC, 2002).

Para tentar resolver a interrupção do fluxo natural, foi incluída a aprovação automática (MEC, 2004). A partir da adoção em boa parte do país, a aprovação automática aprova mesmo os estudantes que não lêem. Isto agrava a situação do sistema educacional, jogando para frente um problema que deve ser resolvido nos primeiros anos da vida escola do aluno. Assim este aluno que pode ser considerado um analfabeto, talvez por falta de incentivos nunca

chegará no ensino médio, mas será empurrado com a barriga, até se desanimar e sair da escola.

Segundo o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), hoje, 59% das crianças matriculadas na 4ª série do ensino fundamental não são leitores competentes, quer dizer, não assimilam estruturas gramaticais complexas, não consegue reconhecer e ler diferentes tipos de texto. Mais de 44% das crianças da 4ª série do ensino fundamental estão no estágio crítico e muito crítico de desenvolvimento de habilidades e competências em Leitura. Somente 9% estariam no chamado estágio adequado (INEP, 2002).

Antes mesmo de entrar em sala de aula, com os dados sobre a educação no Brasil apresentados, percebe-se que o ensino fundamental passa por uma crise. Como um estudante será competente o bastante para ler e tirar do jornal o que ele precisa? Ele consegue ler um jornal?

Para Citelli (2000) não é mais possível falar de educação sem pensar em meios de comunicação. As Leis de Diretrizes e Base (LDB) também tem a mesma linha de pensamento e postula uma maior proximidade da escola com os meios de comunicação. O jornal, assim como o rádio, a televisão e Internet são um traço da cultura e devem ir à escola para que se aproveite seu potencial. A contribuição dos meios de comunicação para a educação. A contribuição dos meios de comunicação para a educação brasileira, que não consegue chegar a algumas camadas sociais, pode ser de grande valor. Com o direcionamento adequado o aluno poderá relacionar o conteúdo com os acontecimentos atuais com sua realidade.

4 O JORNAL

Para falar sobre o jornal é preciso algumas definições. No dicionário Houaiss (2001) o jornal é definido como uma publicação diária, com notícias sobre o cenário político nacional e internacional, entrevistas, informações sobre todos os ramos do conhecimento, comentários.

No dicionário de Comunicação (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p.403) a definição é mais completa:

veículo impresso, noticioso e periódico, de tiragem regular, constituído de folhas soltas (geralmente não grampeadas, nem coladas) dobradas em um ou mais cadernos. É produzido, geralmente, num formato padrão ou standard (32 cm de largura por 32 cm de altura). A palavra jornal (do italiano giornale) designava originalmente apenas as gazetas diárias (gazeta era denominação mais usada), mas entende-se hoje a qualquer periodicidade, sendo mais comuns, além de jornais diários, os hebdomadários, os quinzenários e os mensários (raramente a periodicidade é mais espaçada). Quanto ao texto, o jornal pode conter matérias sobre assuntos gerais ou especializados. A grande maioria dos jornais diários (matutinos e vespertinos) editados no caráter geral, distribuída por várias seções (política, economia, esportes, cultura, utilidade pública, entretenimento, entre outras) em âmbito nacional ou internacional.

Segundo Capelato (1988, p.13): “o jornal registra, comenta e participa da história. Através dele se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes”. Desde seu nascimento até hoje o jornal quer conquistar e precisa de leitores. Como Bauer (2003) afirmou o jornal é uma verdadeira mina de conhecimento. Fonte de sua própria história e das situações mais diversas: meio de expressão de idéias e depósito de cultura. O jornal como já foi dito neste trabalho, é um dos meios de comunicação mais antigo e bem aceito. Sua importância para o conhecimento do passado e do presente é incontestável (CAPELLATO, 1988). Os jornais oferecem vasto material para o estudo da vida cotidiana.

De acordo com Hamze (2006), o jornal espelha os interesses da sociedade. Reflete também os valores, as éticas, a cidadania, através dos mais variados temas. Caprino (2003, p.5) complementa: “o jornal é formador de opinião, oferece uma leitura crítica sobre os fatos atuais e precisar ser discutidos em diferentes disciplinas”.

Todas estas definições falam do que se esperar do jornal, qual o seu formato e possibilidades. Todas se encaixam no trabalho que será desenvolvido em sala de aula para atingir o objetivo que é observar o aluno e como é o seu relacionamento como o jornal. Primeiro, o aluno tem que reconhecer o que o jornal é, o que ele tem a oferecer no seu total somente poderá ser observado com o tempo.

Agora voltando à realidade educacional do Brasil, vale aqui uma reflexão que se o estudante da quarta série do ensino fundamental conseguiria ler o jornal e assim usufruir das informações que ele lê no jornal. A falha na alfabetização e as dificuldades que o aluno enfrenta até chegar à quarta série são tantas que a perda de informação iria refletir drasticamente na leitura e assim na interpretação das notícias. Quem também perde é o país, que como foi dito no começo deste trabalho, precisa da educação para crescer. Muitos param na 4ª série e levam para o resto de suas vidas as deficiências que não conseguiram resolver (BOSELLI, 1988; FARIA, 2003).

5 JORNAL NA SALA DE AULA

O jornal na escola não é uma idéia nova. Mas nos últimos anos, uma prática que antes era informal e eventual, está se tornando permanente e sistemática. Empresas jornalísticas distribuem jornais nas escolas (assinatura ou encalhe) e orientam o professor sobre como utilizar o material em sala de aula. No Brasil, há 49 jornais desenvolvendo programas deste tipo em 13 estados e no Distrito Federal. De acordo com um relatório realizado pela Associação Nacional de Jornais em 2004, são atingidos 2,2 milhões de alunos, em 6.500 escolas do ensino fundamental e ensino médio das redes pública e privada

5.1 HISTÓRICO DO JORNAL NA SALA DE AULA

O jornal sala de aula tem sido uma iniciativa comum em vários países. Na Espanha, em fins do século XIX, discutia-se a introdução do jornal na escola em lugar da obrigatoriedade da leitura de Cervantes. No começo do século XX, foram encontrados na Noruega, artigos de jornais descrevendo revolucionários métodos de ensino com o uso do jornal. Em 1932, nos Estados Unidos, o “New York Times” iniciou seu programa de jornal na educação, sendo reconhecido como marco na história destas iniciativas, através da distribuição de suas edições nas escolas (CAPRINO, 2002).

No Brasil, o jornal chegou somente em 1982 com o projeto “Quem Lê Jornal Sabe Mais”. De acordo com o jornal “O Globo” é o mais antigo programa de Jornal e Educação brasileiro (CAPRINO, 2002). Inicialmente, atendia apenas a turmas de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental e desde 2004 passou a atender também ao Ensino Médio, de escolas situadas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A criança pode ser considerada mais uma batalha que o jornal trava. Conquistar sua mente e coração é o que este trabalho está interessado em descobrir se acontece ou não. Sim, o jornal tem muitas características que podem auxiliar o estudante na sala de aula, mas ele consegue ter a atenção de

uma criança de nove anos? O jornal chama atenção pelas notícias do cotidiano, ou pelas fotografias. Tem também os quadrinhos.

Como o jornal se comunica com a criança? Será que se comunica? Como é usado? Cada escola tem um jeito diferente de utilizar o jornal em sala de aula.

5.2 CASOS NO BRASIL

Em Augusto (2004), uma professora da 4^a série do Colégio Cristo Rei, em Marília, no interior de São Paulo, trabalha há dois anos com jornais em sala de aula. Ela relata que nos primeiros meses, ela faz um trabalho de sensibilização com os alunos. Primeiro, ela pede para a bibliotecária guardar exemplares durante as férias e, nas aulas iniciais, distribui um jornal para cada aluno.

No começo, ela percebeu que alguns alunos diziam que o jornal era coisa de velho, que suja a mão ou que tem palavras difíceis. O próximo passo, diz a professora, é apresentar o produto, ensinando-os a manipulá-lo, dobrá-lo, a diferenciar os cadernos, a ver as fotos, as legendas, as manchetes, os títulos e as colunas.

Na próxima fase, ela coloca a abertura da reportagem – o lide – em um retroprojeter e explica que ele é formado por seis questões básicas: o que, quem, quando, onde, como e por quê. Seguindo o texto, a turma encontra nos primeiros parágrafos – se a reportagem estiver bem escrita – as respostas das perguntas. O próximo passo é rascunhar, em grupo, um lide sobre um fato ocorrido na escola. Na etapa seguinte, a professora pede para os alunos lerem todos os dias uma notícia em casa ou na biblioteca da escola que recebe jornais de circulação nacional e de interesse local.

Em classe, a professora escolhe alguns estudantes para contar aos colegas o que leram. O que normalmente acontece, diz a professora, é que eles procuram notícias sobre assuntos já estudados em sala de aula ou que tenham relação com a cidade.

Outros estudos pesquisados são feitos com o uso de questionários para verificar se foi possível à ampliação do conhecimento do estudante. O projeto Repórter na Escola, com o objetivo de trabalhar com o jornal de quartas séries em escolas da rede pública. As atividades propostas no trabalho foram a produção de um jornal nas escolas, workshops para capacitação de professores da rede pública e oficinas para alunos voltadas á realização de veículos de comunicação. (CAPRINO, 2002). Também tem o relato da professora Stefânia Padilha que usa o jornal para o letramento na pré-escola. Em sala de aula, ela estimula o habito de ler o jornal em crianças de 5 e 6 anos. (SÁVIO, 2001). São poucos os relatos detalhados como o de Augusto (2004), que conta passo a passo o que foi feito em sala de aula. Muitas das pesquisas são feitas com várias turmas e não se aprofundam no que o estudante fez com o jornal, as perguntas que ele fez e as conclusões dos professores (BOSELLI, 2003).

A maioria das pesquisas também é voltada para o jornal escolar, os estudantes produzem jornais sobre a turma ou escola. O que interessa aqui para o trabalho é o jornal produzido por jornalista e não produzido pelos estudantes.

A proposta do trabalho assim se justifica pelo interesse em relatar o que acontece na sala de aula da quarta série do ensino fundamental. A escassez de pesquisas nesta área demonstrada faz deste um caminho pouco explorado para a pesquisa.

6 MÉTODO

O local escolhido para observação foi uma escola pública que fica na Asa Norte, um dos bairros que constitui, juntamente com a Asa Sul, o Plano Piloto de Brasília. O jornal do dia foi usado para avaliar as questões propostas pelo trabalho. Em uma turma de doze alunos, foi distribuído o jornal “Correio Braziliense”.

6.1 AMOSTRA

Alunos da 4ª série do Ensino Fundamental com 12 alunos. Na sala de aula a turma era constituída de 8 meninos e 4 meninas. Ao entrar em contato com a coordenadora da escola, ela comentou que teria uma turma pequena de quarta série no horário matutino. Toda escola, tanto pública quanto particular, que participa do “Programa Leitor do Futuro” é convidada para conhecer a redação e o parque gráfico do jornal. A turma escolhida não tinha feito ainda a visita ao Correio Braziliense. Três alunos relataram que o jornal está presente na casa deles nos fins de semana. O resto da turma não comentou sobre o assunto.

6.2 MATERIAL E MÉTODO

Foi usado em sala de aula seis jornais do Correio Braziliense do dia 10 de maio de 2006. A intenção aqui era por os alunos em contato com o jornal em perfeita condição, sem recortes e com os acontecimentos que tinham acontecido no dia anterior. Os cadernos que faziam parte do jornal neste dia foram: Política, Brasil, Economia, Cidades, Esportes, Turismo (caderno que sai somente às quartas), Classificados e Cultura.

6.3 PROCEDIMENTO

O exercício que os alunos fizeram foi: escolher uma notícia do jornal, ler o material escolhido e depois relatar o que leu com suas próprias palavras para o colega. Primeiro, foi explicado como seria feito o exercício. A explicação foi dada duas vezes, porque alguns alunos não entenderam o que era para ser

feito. Depois de todos os alunos entenderem a consigna, o jornal foi distribuído. As duplas começaram a explorar o jornal e escolher a notícia.

Assim que os alunos começaram a ler foram observados os seus comentários, e o que diziam sobre a notícia. Alguns alunos leram à notícia em voz alta, outros leram silenciosamente. Alguns pareciam muito interessados na notícia e não esperavam a hora de relatar já contado ao colega durante a leitura. Assim que todos leram a notícia e relataram aos colegas, foi-se de mesa em mesa para colher algumas impressões sobre e a compreensão da notícia. Para terminar solicitou-se por voluntários para contar á turma o que eles tinham lido. Três alunos relataram o que leram e foram ajudados por suas duplas.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A turma estava descontraída explorando o jornal. Todos os alunos participaram ativamente do exercício. Ao receber o jornal, os alunos demonstraram grande familiaridade no manuseio do jornal. Como os alunos estavam trabalhando em duplas, eles tinham um bom espaço para abrir e explorar o jornal sobre suas mesas.

Ao abrir o jornal, muitos sabiam o que queriam ler como: quadrinhos ou a programação da televisão. Outros exploraram as manchetes e depois abriram caderno por caderno. Os cadernos mais relatados foram: Cidades, Política e Esportes. Cada dupla soube dividir o que iria ler e não tiveram problemas em compartilhar o mesmo jornal. Os alunos reconheceram algumas notícias relatando já ter visto o fato no dia anterior na televisão. Um aluno disse espantado que o fato tinha acontecido perto da casa dele. Os alunos demonstram competência não somente na leitura, mas também em conseguir relacionar o fato com a sua vida.

Um aluno reclamou do jornal: “O jornal é muito ruim, não é grampeado”. O jornal tem esta característica de não ser grampeado. O jornal poderia ser mais organizado como uma revista, que é produzida em forma de brochura e tem um formato menor que o jornal (RABAÇA; BARBOSA, 2001).

Em certo ponto do exercício um aluno amassou uma página do jornal e jogou no lixo. Ao ser questionado porque jogou o jornal no lixo, o aluno ficou sem graça e disse que tinha cuspidado no jornal. Aqui o jornal foi tratado como apenas papel, a informação foi descartada. O jornal é visto mais como um simples papel, muitas vezes tratado como sujo e descartado facilmente. Como foi relatado pela professora Adriana Pastorello, o trabalho de sensibilização do alunos com o jornal, muitos alunos reagem com um pouco de resistência aos dizer que “o jornal é coisa de velho”, que suja a mão (AUGUSTO, 2004). Apresentar o jornal é muito importante, justamente para quebrar as barreiras que os alunos já trazem de casa.

Durante o exercício os alunos fizeram comentários sobre as matérias como: “Lula é safado”, “Olha o homem escondeu cinqüenta mil dólares na cueca”. A percepção dos alunos do mundo que os cerca foi perfeita. Aqui se confirma que a importância do jornal para os acontecimentos do presente.

As propagandas também chamaram atenção das crianças. O jornal continha propagandas para os Dias das Mães. Os alunos comentaram que presentes dariam à mãe: “Vou dar um celular igualzinho a esse”, comentou um aluno. As propagandas se destacam no jornal por serem coloridas e lúdicas.

O que chamou mais atenção foi uma notícia sobre o ataque de um cão pit bull a uma idosa no Guará. O relato da notícia fez que a turma inteira comentasse sobre o acontecido e eles mesmos tinham relatos de acidentes semelhantes. Aqui os alunos se identificam com a notícia. Também chamou muita atenção uma operação da polícia que resultou na segunda maior apreensão de drogas no DF. Um aluno comentou: “Esse cara é muito burro, deixou a polícia pegar ele”, isso se referindo à única pessoa que foi presa. A dubiedade do texto jornalístico deixou o aluno perdido em relação ao acontecido. A notícia sobre a apreensão de drogas relatou que apenas uma pessoa foi presa, e a análise do aluno foi que foi burrice, por ter se deixado prender. O jornal reflete os valores, as éticas, a cidadania dos mais variados temas. Aqui entra o papel social do jornalista que deve ter mais cuidado ao escrever uma notícia, uma vez que crianças irão ler e interpretar da maneira delas.

Os alunos tiveram dificuldade com algumas palavras: lesão (reportagem sobre o pit bull) e gabinete (Política).

Um aluno abriu os Classificados e disse: “Vou procurar um trabalho para minha mãe”. Animado disse que tinha encontrado vários empregos. Mais uma identificação do aluno com o que ele leu. O aluno foi capaz de abstrair dados da sua realidade e relacionar com o jornal, assim como relatou Piaget no estágio operatório concreto (PIAGET, 1978).

Depois que cada um dos alunos relatou a notícia para o seu parceiro, três voluntários relataram o que leram para a turma inteira. A atividade foi feita

para finalizar o trabalho e para que fosse possível ouvir mais comentários sobre as notícias e o jornal. Depois de pesquisar sobre o jornal em sala de aula, a educação brasileira e os estágios de desenvolvimento da criança, a entrada na sala de aula foi muito importante para fechar o trabalho.

8 CONCLUSÃO

Depois de entrar em sala de aula e observar a combinação dos alunos e o jornal pode-se afirmar que o trabalho alcançou os objetivos almejados. Os alunos leram o jornal e mesmo com as dificuldades apontadas do ensino fundamental, os alunos conseguiram entender a notícia e comentá-la. Assim, os alunos alcançaram as competências que se espera deles na Classe de Alfabetização, que foi a leitura e a compreensão do que foi lido.

Foi possível observar que os alunos podem se relacionar com o jornal como um leitor comum. O vocabulário foi poucas vezes um empecilho, mas com uma orientação mais dirigida, este aluno não terá problemas e dificuldades de leitura. Ainda ganha com a aquisição de novas palavras para o seu vocabulário.

Para observar a criança em sala de aula foi muito interessante saber o que se esperar dela. Piaget apresenta o modo que a criança raciocina e adquire os seus conhecimentos. O estágio operatório-concreto relata que a criança começa a lidar com a lógica. O que foi observado em sala de aula é que o aluno está consciente do que acontece a sua volta e consegue lidar com os acontecimentos, generalizá-los e trazê-los para sua realidade.

Como foi apenas observada uma turma no Plano Piloto, não foi possível analisar como os alunos do Entorno, onde existem problemas como falta de professores e de material escolar, reagiriam ao jornal. As próximas pesquisas poderiam englobar um maior número de escolas e também diferentes áreas do Distrito Federal. A presença do professor na sala de aula também foi muito importante para que esta pesquisa acontecesse. Neste trabalho o professor não foi o foco, mas para trabalhos futuros é preciso saber com o professor também se relaciona com o jornal e sem dúvida o professor deve ser também um leitor assíduo de jornal.

Mesmo com as desigualdades sociais, econômicas e as dificuldades que o ensino brasileiro sofre no momento, o jornal na sala de aula, pode sim, servir

de um instrumento para aumentar o contato do aluno com o que acontece ao seu redor.

Na sala de aula é possível, desde cedo formar leitores habituais, deixando de lado que jornal é “coisa de gente grande”. O relacionamento com o jornal pode começar nos primeiros anos do ensino básico e se estender para o resto da vida, estimulando o aluno a escrever, argumentar e participar. Assim os cidadãos serão mais informados, preparados para criticar, participar e fazer a história do seu entorno, país e mundo.

REFERÊNCIA

AIDAR, Flávia. O jornal como instrumento pedagógico. Revista Comunicação e Educação, São Paulo: USP/Moderna, (2): 123-126, jan./abr., 1995.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). Disponível em: <www.anj.org.br>. Acesso em: 16/02/2006.

AUGUSTO, Agnes. Revista Nova Escola. In: Jornal na sala de aula n.175, Setembro/2004.

BAUER, Adriana. Saeb e qualidade de ensino: algumas questões. Estudos em avaliação educacional, São Paulo, v. 16, n. 31, p. 133-152, jun. 2005.

BOSELLI, Silvana Maria Carvalho. O jornal conquistando espaço na sala de aula: um projeto que deu certo. Revista do curso de pedagogia. v.1, n.2, jan/jun. 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

CAPELLATO, Maria Helena. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Ed. Contexto. 1988.

CAPRINO, Mônica Pegurer. Projeto na escola: uma experiência de educomunicação. INTERCOM. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2 a 6 Set 2003, Belo Horizonte.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação: a linguagem em movimento, São Paulo: Senac, 1999.

FARIA, Maria Alice. O jornal na sala de aula. São Paulo: Ed. Contexto. 1988.

HAMZE, Amélia. O jornal na sala de aula. Disponível em: <<http://www.pedagogia.brasile escola.com/jornal-sala-aula.htm>>. Acesso em: 16/2/2006.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INEP. Dados SAEB. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em 16/02/2006.

KRAEMER, Maria Luiza. Jornal na sala de aula. Disponível em: <www.profissaomestre.com.br>. Acesso em: 16/02/2006.

KUNSCH, Margarida Krohling. Comunicação e Educação: caminhos cruzados. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ensino Fundamental. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 16/02/2006.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. Dicionário de Comunicação. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2001.

SALVADOR, César Coll. Psicologia da Educação. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SÁVIO, Eugênio. Revista Nova Escola. In: Jornal desde a pré-escola. Ed.146, Setembro/2001.